

Ana Mafalda Leite. *O Amor essa Forma de Desconhecimento*. Maputo, Alcance Editores, 2010

Maria da Graça Gomes de Pina

UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI NAPOLI L'ORIENTALE

*é pelo infinitivo presente que se chega ao verbo amar
[...]
e não sei em que tempo me conjugar*

Ao contrário da pintura, onde o desenho do objeto retratado não pode ser representado simultaneamente em frente e verso, as palavras permanecem o único meio pelo qual se podem figurar emoções a três dimensões. A poesia, as palavras, portanto, são o fármaco imagético que o ser humano possui para transformar sentimentos em factos reais, para dar conta daquilo que sente a si mesmo e a outrem.

O último livro de poesia de Ana Mafalda Leite pretende, a meu ver, apresentar-se como um *filtro de amor*, quer dizer, como um elixir de propriedades 'alucinogénias' que elevam o leitor a um estado de inebriamento poético, permitindo que ele se questione justamente sobre *essa forma de desconhecimento que é o amor*.

Peguemos exatamente na palavra que, sempre a meu ver, norteia a fruição de toda a obra, ou seja, o termo "desconhecimento". O livro encontra-se dividido em quatro momentos lúdicos, ou se se quiser, em quatro tempos bem cadenciados, em que o leitor é levado a interpretar uma sinfonia a quatro mãos já precedentemente composta por Ana Mafalda. Orientado o leitor pela mestra de música amorosa que é a Autora, o 'desconhecimento' inicial das notas-chave que permitem o acesso ao tema central, isto é, o amor, torna-se uma bússola se alinhado aos outros três vocábulos colocados em cada um dos títulos das partes do livro. O termo *desconhecimento* da primeira parte («O amor é uma forma de desconhecimento», pp. 17-22) alia-se portanto ao termo *adiado* da segunda («Coração adiado», pp. 23-29), ao *estrangeira* da terceira («Estrangeira condição», pp. 31-60) e, por fim, ao *desconhecido* da quarta parte («Um país desconhecido», pp. 61-82), encerrando um ciclo em que princípio e fim se conjugam. Como se pode intuir pelo aumento gradual de páginas dedicadas a cada parte – a primeira tem 5, a segunda 6, a terceira 29 e a quarta 21 –, trata-se de um *crescendo* de emoções que se vão progressivamente desvelando em questões que poderíamos agrupar segundo problemáticas, por exemplo, do foro erótico. Todavia, assim como depois de cada *crescendo* há sempre um *diminuendo*, também depois de cada clímax, há sempre uma atenuação do prazer, razão pela qual o número de páginas desce da terceira para a quarta parte.

Em «O amor é uma forma de desconhecimento», a Autora explora a temática do eros por meio dos cinco sentidos, em que os indícios deixados nos permitem reconhecer o trilha desse ‘animal’ que escapa à nossa compreensão, que se mostra e simultaneamente se esconde sob a redoma do desconhecimento. A poetisa usa a linguagem do corpo, de modo que cada sensação cumpre uma tarefa precisa: despertar e guiar o olhar sensorial do leitor. O primeiro sentido de que nos faz servir é o olfato: «dentro de ti há um vaso púrpura / que *levita fumos*» (p. 19, itálico meu). É um órgão que a Autora utiliza para nos introduzir numa sessão de aromaterapia, diríamos. O próprio verbo *levitar* remete para a percepção desses aromas/fumos que acalmam o nosso espírito e nos põem em contacto direto com o nível etéreo do nosso ser. A sensação que temos é gozada de olhos fechados, em total e completo egoísmo, mas os olhos abrem-se repentinamente, de maneira a que nos compenetraremos na nossa busca por essa forma de desconhecimento: «*veja-lhe o fundo*» (p. 19, itálico meu). É uma visão breve e intensa que se liga novamente ao olfato e a uma solene percepção de paz interior: «*incensam o teu cabelo*» (p. 19, itálico meu).

Olfato e visão. Mas há também o ouvido, que estabelece a primeira ponte entre os órgãos sensoriais iniciais. Se o amor se faz sentir por meio do doce aroma que dele se propaga, como um perfume que nos agrada mas do qual não sabemos, ainda inexperientes, distinguir os ingredientes, ele também se faz presente à vista e ao ouvido: «*ouves / toda a tua atenção é ouvido / som que nasce longe*» (p. 19, itálicos meus). Algo que se ouve é algo que está presente mesmo quando se encontra à distância, é objeto cuja sonoridade se faz agarrar pela nossa mente: «*encantamento / memória / nas tuas mãos se lembra*» (p. 19, itálicos meus). O que a mente agarra, é agarrado de igual modo pelas mãos. Esse desconhecimento do amor torna-se um brinquedo nas mãos da poetisa, que o trata como o faz uma criança curiosa, observando-o, cheirando-o, ouvindo-o, agarrando-o e... levando-o à boca! O paladar é pois a última etapa do primeiro percurso traçado por Ana Mafalda na busca pelo sentido do amor. Todavia este sentido só é compreendido pelo mais sensual de todos os gestos e dons humanos, o beijo: «*e o beijo amor*» (p. 21, itálico meu). Por meio dele afluem ao nosso corpo todas as sensações passadas, na previsão de uma sensação futura: «*o fruto a semente o sabor / esta maçã esta manga / esta papaia tão doce*» (p. 19, itálico meu). É um sabor que se sente e se degusta, que se vê e até se ouve, sobretudo quando é sorvido com sofreguidão. Assim sendo, o que a Autora pretende é que questionemos o amor mediante uma comunhão do ser humano todo, onde cada um dos nossos cinco sentidos é uma espécie de peça de dominó que ao tombar faz cair a peça seguinte e assim por diante, compondo um desenho unitário do ser humano. Um desenho, porém, que só em comunhão com o outro se revela: «*fora de ti / o amor [...] não sabe caminhos / nem mapas*» (p. 22).

Sem mapa nem caminho traçado, é difícil alcançar o «lugar mais a sul do meu descontentamento» (*No ponto mais a sul do Mediterrâneo*, p. 25), lugar onde, talvez, se encontre aquele desconhecimento do amor que tanto procuramos. Com este obstáculo se dá início à segunda parte do livro, «Coração adiado», que se rege sobretudo pelo conceito de tempo. Contudo, ao contrário do que se esperaria, para medir o tempo não nos é dado um cronómetro que marca indelevelmente cada instante gasto no percurso. O que precisamos é, sim, de uma bússola, «para não perder o pé da terra» (p. 25). Uma bússola que, ao darnos a ‘cronografia’ das milhas percorridas, funciona como num jogo de estafetas, em que a etapa é sempre uma passagem de testemunho para quem nos espera a

(des)conhecimento do amor nos devemos ver sempre como estrangeiros («não tenho pátria», p. 42), para que possamos ter um olhar mais crítico e abrangente dele: «venho de outro mundo / [...] um olhar longe / [...] nestas paragens sem abrigo» (p. 34).

São pois, nas palavras da poetisa, «os longes desta alma que habito» (p. 36), ou seja, a distância que crio de mim, um eu sem sexo – de facto, a Autora oscila entre o *Ela* e o *Ele* neste barco que anda à deriva («o barco em que embarco desembarco sem porto», p. 50) no rio do amor: «aqui estou eu fora de mim / o amante do deserto pleno de desejo ardente / fora das fronteiras / fora das esferas / fora das planícies / fora das montanhas / [...] fora de tudo» (p. 36) – tal como o andrógino platónico que retira as forças de si mesmo, se completa na comunhão consigo mesmo, se inventa e redescobre o «caminho sem rumo» (p. 47): «junto a ti amor invento uma pátria» (p. 46).

O *(des)conhecimento* do amor torna-se aprendizagem, ou melhor, autoconhecimento: «quero aprender o meu país» (p. 47). Só pelo autoconhecimento a viagem que Ana Mafalda nos propõe permitir-nos-á atracar na quarta parte, «Um país desconhecido». A rota desenhada no mapa que criámos antes de partir a bordo deste batel rumo ao desconhecido chega finalmente ao seu termo, encerrando justamente com o seu início: os cinco sentidos (veja-se a ocorrência de termos ligados ao paladar: «lábios», «açúcar», «beijo», p. 63). O *amor, essa forma de desconhecimento*, revela ser justamente o ensinamento por que todo o amante deve passar. O das sensações, o do próprio corpo, o do eu e do nós, juntos agora, fundidos num só ser. É pois um ensinamento que nos faz despertar para o mundo, através dos olhos da poesia: «com os braços em torno de ti / amaneço-te» (*Lâmpada de Aladino*, p. 70).

Ana Mafalda Leite esboça então uma pauta musical cuja clave de sol é um exortativo (por quatro vezes aparece o verbo «leva-me», p. 65, que se liga intimamente ao «perdi-me») para que o leitor a acompanhe nesta viagem pelo *conhecimento* do que é *isso de paixão e de amor*.